Dia 29 — São Pedro, Príncipe dos Apóstolos

São Pedro, príncipe dos apóstolos, cabeça visível da Igreja de Jesus Cristo, coluna inamovível da fé, como fala o concílio de Éfeso, pedra e base da religião, como se explica o de Calcedônia, vigário de Jesus Cristo na terra, alicerce, diz Santo Agostinho, sobre que se fundou e sobre que subsiste a santa Igreja, chamava-se Simão antes de sua vocação ao apostolado. Foi de Betsaida, povoado pequeno da Galileia à margem do lago de Genesaré, filho de Jonas ou João, de condição muito obscura, pescador de profissão, mas homem de muita bondade. Não se sabe de certo o ano de seu nascimento; só é muito verossímil que era de mais idade que o Salvador.

Tendo-se casado em Cafarnaum, porto então o mais célebre daquele grande lago, chamado em todo o país o mar de Tiberíades, fazia nele sua residência em companhia de seu irmão André. Era este discípulo do Batista e, tendo visto a Jesus, de quem havia ouvido dizer a seu mestre que era o verdadeiro Messias, deu esta notícia a seu irmão Simão, dizendo-lhe: «Vi o Messias, e lhe falei.» Simão, que era de natural vivo e ardente e que, cheio de religião, suspirava pela vinda do Messias, não deixou sossegar seu irmão até que o levou a ver o Salvador. No dia seguinte foram juntos buscá-lo e, apenas descobriu a nosso santo o Filho de Deus, disse-lhe com uma particular bondade, que manifestava bem não sei que especial amor: «Simão, filho de Jonas, assim te tens chamado até agora; mas daqui em diante quero que te chames Cefas, que quer dizer Pedro.» Ficaram os dois irmãos com o Salvador todo aquele dia e desde o mesmo se declarou Pedro por um de seus mais fervorosos discípulos. Voltado a sua casa, ganhou para Jesus Cristo toda a sua família e, embora prosseguisse em seu ordinário exercício de pescar, passavam-se poucos dias sem que visse o Salvador, e se tem por certo que se achou presente nas bodas de Caná quando o Senhor fez o primeiro milagre.

Mas ainda não havia deixado nem seu ofício nem sua casa, até que, voltando Cristo de Jerusalém, o encontrou com seu irmão André à beira do lago levantando suas redes. Entrou o Senhor no barco e disse a Pedro que o levasse mar adentro a certo sítio mais profundo, que ali lançariam um bom lanço. «Mestre, respondeu-lhe o santo, toda a noite nos afanamos inutilmente sem ter apanhado uma escama; mas, pois vós o mandais, vou lançar a rede em vosso nome.» Foi extraordinária a pesca; e, atônito São Pedro, arrojou-se aos pés do Salvador, dizendo-lhe: «Senhor, sou um grande pecador e não sou digno de aparecer em vossa presença.» Levantou-o o Senhor e lhe disse: «Tem confiança e segue-me: quero que, sem deixar o ofício, o melhores; daqui em diante serás pescador de homens.» Fez tanto efeito no espírito e no coração de nosso santo a graça da vocação embebida naquelas palavras que no mesmo ponto tudo deixou; e, dando-lhe permissão sua mulher, que já era uma grande serva de Jesus Cristo, merecendo depois a coroa do martírio, jamais se apartou já Pedro do Salvador.

Em todas as ocasiões se fez distinguir o amor e a ternura que lhe professava. Atravessava uma noite o lago em companhia dos demais discípulos e, vendo que Cristo vinha caminhando a eles sobre as águas, impaciente Pedro por arrojar-se quanto antes a seus pés, disse-lhe: «Senhor, mandai-me que eu vá também a vós sobre as ondas antes que entreis no barco.» «Vem», respondeu-lhe o Salvador. Obedeceu Pedro, saltou ao mar com intrepidez; refrescou um pouco o vento; e, como viu que se ia afundando, teve medo e exclamou: «Senhor, salvai-me.» Segurou-o o Salvador pela mão e repreendeu-o brandamente, dizendo-lhe: «Homem de pouca fé, por que duvidaste?» Mas no meio disso ia crescendo sua fé ao passo de seu amor. Explicou o Salvador em Cafarnaum a seus discípulos o mistério da Eucaristia; fez-se-lhes duro a muitos deles, entraram em desconfiança de sua doutrina e retiraram-se. Voltado então o Senhor aos doze que havia escolhido para apóstolos seus, disse-lhes com inteireza: «E vós, quereis também partir?» Tomou Pedro a voz e respondeu em nome de todos: «Senhor, aonde nem a quem iremos? Só vossas palavras nos ensinam o caminho da vida eterna, e estamos bem persuadidos de que sois o verdadeiro Messias.»

Não foi esta a única pública confissão que fez Pedro de sua fé. Perguntou Jesus a seus discípulos que se dizia dele na Judeia e em que reputação o tinha aquela gente. Responderam-lhe que uns o tinham por João Batista ressuscitado, outros por Elias, outros por Jeremias ou enfim por algum dos profetas. «E bem, replicou-lhes o Salvador, a vós quem vos parece que sou?» Voltou Pedro a tomar a voz de todos e, com sua genial viveza e acostumado fervor, respondeu: «Tu, Senhor, és o Cristo, filho de Deus vivo.» «E tu, Simão, filho de Jonas, replicou o Salvador, és bem-aventurado, porque essa importante verdade não ta revelou a carne nem o sangue: tão sublime conhecimento nem é nem pode ser efeito da razão natural. Meu Pai celestial te iluminou para que soubesses quem era eu; e agora vou eu ensinar-te a ti o que és tu desde este ponto. Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei eu minha Igreja; a minha sombra serás seu alicerce e sua base, não menos que sua defesa. Em vão se armará todo o inferno contra ela: poderá combatê-la com heresias, persegui-la com tiranos e até oprimi-la em algumas de suas partes; mas o todo do edifício, cuja base te constituo desde agora, jamais vacilará. Todas as seitas que se levantarão na série dos séculos se fundarão sobre areia, porque não terão por fundamento esta pedra. Entregar-te-ei as chaves do reino dos céus; àqueles a quem tu abrires as portas, franquear-se-lhes-ão, e se fecharão aos que tu as fechares; porque a justiça do céu confirmará as sentenças que tu pronunciares na terra. Serás nela meu vigário, e quanto dispuseres em meu nome será ratificado por mim.» Convêm todos os padres em que desde este ponto ficou Pedro constituído príncipe dos apóstolos, pedra fundamental da religião e cabeça visível da Igreja.

Crescia com a fé o amor que professava a Jesus Cristo. Certo dia em que o Filho de Deus declarou aos apóstolos como lhe era indispensável passar a Jerusalém e padecer naquela cidade as maiores ignomínias e sofrer morte afrontosa, horrorizado nosso santo ao ouvir isto, exclamou sem liberdade: «Que dizeis, Senhor? Não queira Deus que tal suceda nem que nós o permitamos; prontos estamos a defender-vos, ainda que seja à custa de nossas vidas.» Repreendeu-o o Salvador com severidade, dizendo-lhe: «Aparta-te de mim e não te ponhas em minha presença se hás de falar dessa sorte; fazes o ofício de Satanás, sem entendê-lo, pois pretendes estorvar a obra da redenção.» Bem sabia Jesus Cristo o amoroso princípio de onde nascia este indiscreto zelo, e assim cinco dias depois o escolheu para testemunha de sua gloriosa transfiguração no Tabor, onde, deslumbrado o apóstolo com o resplendor da glória que lançava o semblante do Salvador, exclamou entre extático e gozoso: «Belo sítio é este! Aqui sim que devíamos estar.»

Em todas as ocasiões distinguia Cristo a nosso santo com algum especial favor. Dispôs que fosse ele quem achasse dentro de um peixe uma peça de quatro dracmas para pagar ao César o tributo em nome dos dois; e, quando se aproximava o tempo de sua paixão, despachou Pedro e João para que preparassem o cenáculo onde havia de celebrar a Páscoa. Concluída a ceia, querendo o divino Salvador lavar os pés a seus apóstolos, começou por São Pedro; mas, cheio de confusão quando viu a seus pés seu soberano Mestre, retirou-os prontamente, protestando que jamais o consentiria; mas, ameaçando-o o Salvador com que não o reconheceria por seu se não se deixava lavar, atemorizado Pedro com tão terrível ameaça, exclamou fervoroso: «Que dizeis, Senhor? Não só os pés; as mãos e a cabeça me deixarei lavar de vós antes que desagradar-vos.» Contente o celestial Mestre com esta disposição, disse-lhe que o demônio faria todos os seus esforços para derrubá-lo; mas que ele havia feito oração a seu Eterno Pai a fim de que jamais desfalecesse sua fé, a qual, embora alguma vez chegasse a titubear com a tentação, logo voltaria a fortalecer-se mais que nunca, e lhe sobrariam forças para alentar e fortificar seus irmãos.

Nenhum discípulo professou jamais amor mais aceso a seu Mestre. Este abrasado amor o fez prorromper naquela arrogante expressão de que ao menos ele nunca abandonaria seu Mestre, embora o abandonassem todos os demais, não obstante a profecia contrária que acabava de ouvir. Tardou pouco em dar provas de seu zelo quando, ao ver que no horto das Oliveiras os soldados lançavam mão de seu Mestre, ele a lançou de sua espada, descarregou um golpe em Malco e lhe derrubou ao chão uma orelha; embora o Salvador lhe repreendesse a ação e curasse milagrosamente o ferido.

Preso o Pastor, espalharam-se as ovelhas. Só Pedro, em companhia de João, teve valor para seguir a Cristo até a casa de Caifás; mas, reconhecido e acusado por um dos servos, caiu na fraqueza de negar por três vezes que conhecesse tal homem. Lembrou-lhe sua miséria o canto do galo, como lho havia prognosticado o mesmo Salvador. Foi inexplicável seu arrependimento e sua dor; retirou-se desfeito em lágrimas e passou três dias contínuos em amargo pranto, sem atrever-se a aparecer diante de ninguém.

Reparou sua queda com dolorosa contrição; pelo que nem o discípulo perdeu nada do ardente amor que professava a seu amado Mestre, nem o Mestre diminuiu um ponto a ternura com que olhava seu querido discípulo; e assim, apenas ressuscitou, apareceu em particular a São Pedro. Esta particular ternura nunca a manifestou mais que nas três perguntas que lhe fez junto ao mar de Tiberíades, poucos dias antes de sua gloriosa Ascensão aos céus, perguntando-lhe por três vezes à vista dos demais apóstolos se o amava mais que todos. Escarmentado Pedro com as quedas antecedentes, respondeu singelamente que, pois o mesmo Senhor conhecia bem todas as coisas, já sabia a paixão com que o amava. «Apascenta meus cordeiros, replicou-lhe o Salvador; apascenta minhas ovelhas»; com cujas palavras, diz Santo Agostinho, confirmou a Pedro a primazia que lhe havia conferido, encarregando-lhe o cuidado de todo o seu rebanho.

O primeiro uso de sua dignidade que fez São Pedro foi propor aos apóstolos a eleição que se devia fazer de algum sujeito para encher o vazio de Judas. Logo que o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos no dia de Pentecostes, Pedro, como cabeça da Igreja, pregou um sermão tão enérgico, tão eloquente e tão eficaz à multidão que concorreu às portas do cenáculo que três mil pessoas receberam o batismo. Entrou depois no templo acompanhado de São João e, encontrando à porta

um pobre de quarenta anos, tolhido desde o nascimento, mandou-lhe em nome de Jesus Cristo que se levantasse; fê-lo logo o tolhido e foi saltando de gozo por toda a cidade, publicando aos gritos a maravilha. À fama dela concorreu todo o povo a rodear os apóstolos e, aproveitando Pedro tão bela ocasião, falou de Jesus Cristo com tanta eloquência, com tanto espírito e com tanta moção que no mesmo dia converteu outras cinco mil pessoas.

Como estes prodígios faziam tanto ruído, não era fácil que durasse muito a paz da recém-nascida Igreja. Foram presos os dois apóstolos; e, perguntados em nome de quem haviam feito o milagre do tolhido, respondeu intrepidamente São Pedro que em nome do mesmo Jesus Cristo, a quem eles haviam crucificado. Proibiu-se-lhes que não falassem mais do tal Cristo nem de sua doutrina; ao que respondeu Pedro com uma resolução que os deixou atônitos: «Considerai, senhores, se será justo obedecer-vos a vós antes que a Deus, o qual nos manda publicar a ressurreição do Salvador, de que nós mesmos fomos testemunhas.»

Crescia cada dia o número dos fiéis e cada dia se mostrava Pedro mais poderoso em obras e em palavras. O que dois dias antes era um pobre pescador idiota, rústico e grosseiro, falava já como um grande doutor da lei. Todas as suas palavras eram oráculos; multiplicavam-se em suas mãos as maravilhas; punham os enfermos nas ruas e nas praças públicas para que, ao passar Pedro, lhes alcançasse ao menos sua sombra, e logo saravam todos. Tantos prodígios necessariamente haviam de pôr em cuidado os magistrados: mandaram-no prender, açoitaram-no cruelmente, e Pedro não cabia de gozo vendo-se digno de padecer estas afrontas por amor de Jesus Cristo.

Por ocasião da horrível perseguição que se seguiu à morte do protomártir Santo Estêvão, saíram os discípulos de São Pedro a pregar o Evangelho fora dos termos da Judeia. Convertidos já os de Samaria, passou o apóstolo àquela província juntamente com São João para comunicar aos fiéis o Espírito Santo, administrando-lhes o sacramento da confirmação. Ao voltar de Samaria entrou na cidade de Lida e, vendo um paralítico chamado Eneias, estendido em sua cama, onde havia oito anos que estava prostrado, disse-lhe: «Eneias, o Senhor Jesus Cristo te salva; levanta-te e leva às costas tua cama.» Levantou-se logo Eneias, publicou o milagre juntamente com seu autor, e recebeu o batismo toda a cidade.

Repetiam-se a cada passo os prodígios e a cada passo se acrescentavam novas conquistas a Jesus Cristo. Morreu em Jope uma virtuosa viúva chamada Tabita; chegou São Pedro a esta cidade dois dias depois de sua morte; faz oração junto ao cadáver à vista de quase todo o povo; manda a Tabita que se levante em nome de Jesus Cristo; abre os olhos Tabita, levanta-se do ataúde, e pede o batismo toda a cidade de Jope. Nesta cidade teve Pedro aquela misteriosa visão em que Deus lhe manifestou que, tendo morrido seu Filho geralmente para todos os homens, nenhum povo nem nação era excluída do benefício da redenção. Estava um dia em oração pela hora do meio-dia e, arrebatado de repente em êxtase, viu rasgar-se o céu e que descia dele uma coisa em figura de um grande lençol, suspenso no ar pelas quatro pontas. Observou que todo o lençol estava coberto de toda espécie de animais e bichos, quadrúpedes, répteis e voláteis, e ao mesmo tempo ouviu a voz que lhe disse: «Pedro, levanta-te; mata e come.» «Não permita Deus, replicou Pedro, que eu coma coisa profana nem imunda»; mas a mesma voz lhe replicou: «Não chames imundo nem profano o que já purificou o mesmo Deus.» Voltou o apóstolo do rapto e ainda não compreendia bem o que significava a visão quando entraram em sua casa os criados de um oficial chamado

Cornélio, romano de nação, que mandava um corpo de infantaria da legião Itálica, aquartelada em Cesareia; e pela comissão que traziam conheceu claramente o significado da visão; a saber, que também havia de pregar a fé aos gentios, pois não se havia feito só para os habitantes da Judeia. Partiu logo a Cesareia; encontra Cornélio, que o esperava rodeado de gente; prega-lhes a todos, instrui-os, e ainda não havia acabado de falar quando desceu sobre todos o Espírito Santo visivelmente em forma de um brilhante resplendor. Seguiu-se o batismo à vinda do Espírito Santo e, voltado Pedro a Jerusalém, contou a toda a Igreja as misericórdias do Senhor, as quais, ouvidas pelos fiéis, todos glorificaram a Deus por se haver dignado fazer participantes aos gentios, como aos judeus, do dom da penitência para a salvação.

À vocação dos gentios seguiu-se muito de perto a repartição que fez o Espírito Santo dos apóstolos para que fossem anunciar o Evangelho a todas as partes do universo. Tocou a Pedro naquela divisão anunciá-lo na capital do mundo; e, sendo Antioquia a capital do Oriente, deu princípio por ela, fundando aquela igreja, onde os discípulos começaram a chamar-se cristãos pelo ano 43 da Encarnação; mas São Pedro manteve poucos anos sua cadeira naquela cidade: triste presságio, que pôde ser, de que algum dia faltaria nela a fé, a qual jamais havia de faltar em Roma, onde o apóstolo deu fim a sua vida.

Depois de haver percorrido grande parte da Ásia, anunciando Jesus Cristo aos judeus espalhados pelo Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, deu a volta a Jerusalém, onde se deteve algum tempo, e ali o buscou São Paulo, pouco antes convertido, para instruir-se, por assim dizer, na religião e aproveitar-se de suas luzes.

Renovou-se com maior furor em Jerusalém a perseguição contra os fiéis. Querendo Herodes Agripa congraçar-se com os judeus, tirou a vida ao apóstolo Tiago; e, persuadido de que daria o maior gosto a toda a nação em fazer o mesmo com São Pedro, que era a cabeça dos demais, mandou prendê-lo; mas, como era o tempo da Páscoa, em que a nenhum delinquente se podia castigar, deu ordem de que se o guardasse estreitamente no cárcere, nomeando para este fim dezesseis soldados que de quatro em quatro se fossem revezando sem perdê-lo nunca de vista. Era seu intento tirar-lhe a vida passada a Páscoa e regalar o povo com um espetáculo tão de seu gosto; mas ouviu Deus as orações de toda a Igreja e confundiu o tirano; porque na noite antes do dia assinalado à execução o anjo do Senhor apareceu no cárcere, despertou Pedro, caíram-lhe as duas cadeias de que estava carregado, abriram-se-lhe as portas de par em par, conduziu-o o anjo até o fim da rua e desapareceu. Foi-se direito São Pedro à casa de Maria, mãe de João Marcos, onde se haviam juntado muitos fiéis e estavam em oração: bateu à porta, saiu silenciosamente uma donzelinha, por nome Rode, a saber quem batia; reconheceu o apóstolo pela voz e foi tanta sua alegria que, em lugar de abrir-lhe, correu apressada a dar esta notícia aos de dentro: disseram-lhe que estava louca; replicou ela: «Volto a dizer que é ele e que pela voz o conheci.» Enquanto isso prosseguia Pedro batendo; abriram-lhe enfim, e já se deixa discorrer que admiração, que gozo seria o de todos quando o viram, e mais quando lhes contou por miúdo tudo o que havia passado e o milagroso modo com que estava fora do cárcere e se via livre de suas cadeias.

Depois deste sucesso percorreu segunda vez o apóstolo quase toda a Judeia e uma parte da Ásia para animar os fiéis com um santo fervor; e, tendo feito ainda alguma mansão em Antioquia, passou a Roma pelo ano 43 e fixou nela sua cátedra pontifical. Dispô-lo assim a divina Providência,

diz São Leão, para que aquela cidade, que era cabeça do mundo, fosse também como o centro da religião e escola da verdade, depois de havê-lo sido do erro, ficando constituída por mestra de todas as demais igrejas da terra. Logo que chegou, triunfou de todo o inferno junto pela célebre vitória de Simão Mago. Era este famoso impostor um grande estorvo aos progressos do Evangelho na cidade de Roma com seus embustes e prestígios. Prometeu ao povo que em certo dia se havia de elevar até o céu à vista de todos, em prova de que era ele mesmo a virtude do Altíssimo; achou-se Pedro presente ao espetáculo e com efeito começou Simão a elevar-se pelo ar, levado e sustentado invisivelmente pelos demônios, representando-se aos olhos do imenso concurso como se fosse arrebatado numa carruagem de fogo, quando Pedro se pôs de joelhos e, não bem deu princípio a sua oração, os demônios que representavam aquela comédia abandonaram a carruagem e, caindo Simão em terra de bastante elevação, quebrou as pernas; e, conduzido a uma casa imediata, não podendo sobreviver a sua afronta, precipitou-se do mais alto e expirou no mesmo ponto.

Desde Roma escreveu São Pedro sua primeira epístola aos fiéis do Oriente pelos anos de 49, e a data é de Babilônia, porque assim chamava aquela capital, que ainda era pagã; não obstante fazia nela a fé maravilhosos progressos pelos desvelos do apóstolo e de seus discípulos. Na mesma cidade escrevia São Marcos seu evangelho, que aprovou São Pedro para satisfazer a devoção dos fiéis que havia nela. Aos três ou quatro anos de sua residência em Roma publicou-se o decreto do imperador Cláudio para que saíssem da cidade todos os judeus. Partiu Pedro a Jerusalém, onde presidiu ao concílio em que se definiu que a lei do Evangelho havia abolido a da circuncisão, cujas decisões levaram a Antioquia São Paulo e São Barnabé. Concorreu também São Pedro naquela cidade e não teve reparo em misturar-se com os gentios convertidos à fé, comendo com eles sem fazer diferença de viandas; mas, informado de que isto escandalizava os judeus, absteve-se de fazê-lo por mera complacência. Não lhe pareceu bem a São Paulo esta demasiada docilidade e com santa liberdade lhe representou que aquela condescendência podia dar motivo a crer que ainda subsistia a obrigação de observar a antiga lei. Rendeu-se São Pedro à advertência de São Paulo e o que era príncipe dos apóstolos e cabeça da Igreja, diz Santo Agostinho, não se valeu de sua primazia; cedeu sua autoridade a sua modéstia. Não considerou, acrescenta São Gregório, que Paulo era inferior a ele e admitiu sem desdém sua repreensão: *Ecce a minore suo reprehenditur, et reprehendi non dedignatur.*

Restituído a Roma nosso apóstolo, dedicou-se a cultivar a vinha do Senhor que havia plantado e que era já o modelo de todas as igrejas, custando-lhe este cultivo imensos trabalhos e fadigas. Mas não se encerrava dentro dos muros de Roma sua pastoral solicitude; antes se dilatava a toda a Igreja universal, à qual escreveu sua segunda epístola, dirigida a todos os fiéis em geral. Afirmam alguns santos padres que percorreu todas as partes do mundo, desprezando os perigos e as perseguições que lhe suscitaram os judeus e os gentios. Diz-se que desde Roma levou o mesmo Evangelho a várias províncias da Europa; e, quando não em pessoa, tem-se ao menos por certo que o fez por meio de seus discípulos em vários reinos do Ocidente. Muitas igrejas da Itália, França, Espanha, Inglaterra, África, Sicília e das ilhas adjacentes conservam os nomes de seus primeiros bispos, persuadidas de que foram discípulos de São Pedro.

Enquanto Pedro trabalhava em Roma tão gloriosamente, chegou a ela São Paulo com recíproco gozo dos dois; dispondo-o assim a divina Providência para que as duas maiores luminárias do

mundo cristão terminassem sua carreira na capital do universo e a ilustrassem com seu glorioso martírio.

Os milagres que faziam em Roma um e outro apóstolo acenderam a mais horrível de todas as perseguições no império de Nero. Fugindo da tempestade, saía um dia o apóstolo para retirar-se de Roma, quando à porta da cidade encontrou o Salvador como que ia entrar por ela. Não lhe fez novidade a visão, por estar acostumado a muitas semelhantes; e assim lhe perguntou sem estranheza: «Senhor, aonde ides?» «Vou a Roma, respondeu-lhe Jesus Cristo, a ser crucificado de novo.» Compreendeu muito bem o apóstolo o que lhe queria dizer e, ocorrendo-lhe então à memória o que o Senhor lhe havia prognosticado antes e depois de sua ressurreição, voltou a entrar na cidade e dispôs-se para o martírio. No mesmo dia foi preso e conduzido ao cárcere Mamertino, ao pé do Capitólio, onde esteve nove meses juntamente com São Paulo, acrescentando cada dia novas conquistas a Jesus Cristo, porque foram convertidos e batizados por São Pedro dois de seus guardas, Processo e Martiniano, com outras quarenta e sete pessoas que estavam na mesma prisão.

Enfim, depois que nosso apóstolo empregou toda a sua vida em dar a conhecer e em fazer amar a Jesus Cristo, depois de haver contribuído com tão imensos trabalhos a fundar e estabelecer a igreja em todo o universo, mas muito particularmente na capital do mundo, viu finalmente aproximar-se o tempo, tanto antes prognosticado por Jesus Cristo, em que outro o havia de cingir e o havia de conduzir aonde naturalmente não quereria. Tiraram-no do cárcere em companhia de São Paulo; e ambos, depois de haver sido cruelmente açoitados, foram condenados à morte como cabeças da religião cristã. A São Pedro levaram-no do outro lado do Tibre, ao bairro dos judeus, no alto do Vaticano, chamado hoje Montório ou Monte de Ouro. Queriam crucificá-lo do modo regular; mas conseguiu dos verdugos que o fizessem fixando-o na cruz de cabeça para baixo, porque disse não merecer ser tratado como seu divino Mestre. Consumou seu sacrifício no dia 29 de junho pelo ano 68 de Jesus Cristo, tendo governado a igreja de Roma 24 anos, cinco meses e onze dias. Foi sepultado no Vaticano, e desde então foi seu sepulcro, depois do de Jesus Cristo, o mais respeitável e o mais respeitado de todo o mundo cristão; começando o culto destes dois grandes apóstolos na terra quase ao mesmo tempo que deu princípio sua eterna felicidade no céu. Logo que o imperador Constantino deu a paz à Igreja, viram-se levantar suntuosíssimos templos em todas as partes em honra dos dois santos. No dia 18 de novembro celebra a Igreja a dedicação das duas famosas basílicas fundadas em Roma em honra dos apóstolos São Pedro e São Paulo, cuja construção se atribui ao grande Constantino e a dedicação ao papa São Silvestre. A de São Pedro, que é a do Vaticano, reputa-se com razão pela maior maravilha da arte que se registra em todo o mundo.

O célebre Pedro Canísio, da Companhia de Jesus, chamado nestes últimos tempos, não sem muita razão, apóstolo da Alemanha, refere ser tradição confirmada nos anais das igrejas de Colônia e de Tréveris que São Materno, enviado à Alemanha por São Pedro para anunciar nela o Evangelho de Jesus Cristo, logo que converteu à fé grande número de povos, ergueu uma igreja entre Molsheim e Estrasburgo em honra do santo apóstolo, que até hoje se chama a casa de São Pedro.

O mesmo autor refere que o evangelista São Marcos ergueu em Alexandria uma igreja ou capela em honra de São Pedro, da qual faz menção o papa Santo Anacleto. Acrescenta mais, citando São

Clemente, que um tal Teodósio, homem rico e muito piedoso, cedeu sua própria casa para que se convertesse em igreja em honra de São Pedro, vivendo ainda o santo apóstolo, e que colocou nela sua cátedra pontifical.

Nota do Tradutor

«Esta ereção dos templos de Molsheim e de Alexandria, e até mais o que se refere edificado em Roma em honra de São Pedro, vivendo ainda e achando-se presente o santo apóstolo, tem graves dificuldades; cujo exame e decisão deixamos ao juízo dos sábios que tratam deste ponto.»

Prudêncio, poeta cristão que floresceu no quarto século, falando da festa dos apóstolos São Pedro e São Paulo, nota que em seu dia celebrava o papa duas missas em Roma, uma na igreja de São Pedro e outra na de São Paulo:

> *Transtiberina prius solvit sacra pervigil Sacerdos. Mox huc recurrit, duplicatque vota.*

(O sacerdote, vigilante, celebra primeiro os ritos do outro lado do Tibre; logo corre para cá e dobra seus votos.)

Martirológio Romano

Em Roma, a festa dos apóstolos São Pedro e São Paulo, que padeceram no mesmo ano e no mesmo dia, sob o poder do imperador Nero: o primeiro, crucificado de cabeça para baixo na mesma cidade e enterrado perto da via Triunfal, é venerado em toda a terra; o segundo, imolado com a espada e enterrado no caminho de Óstia, é honrado com um culto semelhante.

Em Argenton, São Marcelo, mártir, decapitado pela fé de Jesus Cristo com um militar chamado Anastásio.

Em Gênova, a festa de São Siro, bispo.

Em Narni, São Cássio, bispo daquela cidade, o qual, segundo refere São Gregório, não deixava passar dia algum sem oferecer ao Senhor todo-poderoso a hóstia de expiação. A esta santa prática correspondia sua santa vida, pois dava de esmola quanto tinha, efeito de seu ardentíssimo amor de Deus e do próximo, como o manifestavam os jorros de lágrimas que derramava celebrando o santo sacrifício do altar. Enfim, um dia dos santos apóstolos, em que ele costumava ir todos os anos a Roma, tendo celebrado missa e dado a comunhão e a paz, entregou sua alma ao Criador.

Em Chipre, Santa Maria, mãe de João, chamado Marcos.

No território de Séez, Santa Benita, virgem.

Na França, em São Mihiel, na Lorena, Santa Homberga, mulher casada.

Na Etiópia, Santa Acrósia.

Em Weissenburg, o santo menino Henrique, despedaçado pelos judeus.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue:

> **Latim:** *Deus, qui hodiernam diem apostolorum tuorum Petri et Pauli martyrio consecrasti: da Ecclesiæ tuæ eorum in omnibus sequi præceptum, per quos religionis sumpsit exordium. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que consagrastes este dia com o martírio de vossos apóstolos Pedro e Paulo, concedei a vossa Igreja a graça de que em tudo siga a doutrina daqueles a quem deveu o princípio e o fundamento da religião. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 12 dos Atos dos Apóstolos.

Atos dos Apóstolos 12,1-11

> **Latim:** [1] Eodem autem tempore misit Herodes rex manus, ut affligeret quosdam de ecclesia. [2] Occidit autem Jacobum fratrem Joannis gladio. [3] Videns autem quia placeret Judæis, apposuit ut apprehenderet et Petrum. Erant autem dies Azymorum. [4] Quem cum apprehendisset, misit in carcerem, tradens quatuor quaternionibus militum custodiendum, volens post Pascha producere eum populo. [5] Et Petrus quidem servabatur in carcere. Oratio autem fiebat sine intermissione ab ecclesia ad Deum pro eo. [6] Cum autem producturus eum esset Herodes, in ipsa nocte erat Petrus dormiens inter duos milites, vinctus catenis duabus : et custodes ante ostium custodiebant carcerem. [7] Et ecce angelus

> Domini astitit, et lumen refulsit in habitaculo : percussoque latere Petri, excitavit eum, dicens : Surge velociter. Et ceciderunt catenæ de manibus ejus. [8] Dixit autem angelus ad eum : Præcingere, et calcea te caligas tuas. Et fecit sic. Et dixit illi : Circumda tibi vestimentum tuum, et sequere me. [9] Et exiens sequebatur eum, et nesciebat quia verum est, quod fiebat per angelum : existimabat autem se visum videre. [10] Transeuntes autem primam et secundam custodiam, venerunt ad portam ferream, quæ ducit ad civitatem : quæ ultro aperta est eis. Et exeuntes processerunt vicum unum : et continuo discessit angelus ab eo. [11] Et Petrus ad se reversus, dixit : Nunc scio vere quia misit Dominus angelum suum, et eripuit me de manu Herodis, et de omni exspectatione plebis Judæorum.

Português: [1] E NESTE mesmo tempo enviou o rei Herodes tropas, para maltratar a alguns da igreja. [2] E matou á espada a Tiago, irmão de João. [3] E vendo que agradava aos Judeos, fez tambem prender a Pedro. Erão então os dias dos asmos. [4] Tendo-o pois feito prender, metteo-o num carcere, dando-o a guardar a quatro esquadras, cada huma de quatro soldados, com tenção de o presentar ao povo depois da Pascoa. [5] E Pedro estava guardado na prisão a bom recado. Entretanto pela igreja se fazia sem cessar oração a Deos por elle. [6] Mas quando Herodes estava para o apresentar, nessa mesma noite se achava dormindo Pedro entre douos soldados, liado com duas cadeias: e as guardas á porta vigiavão o carcere. [7] E eis-que sobreveio o anjo do Senhor: e resplandeceo huma claridade naquella habitação: e tocando a Pedro em hum lado, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa. E cahírão as cadeias das suas mãos. [8] E o anjo lhe disse: Toma a tua cinta, e calça as tuas sandalhas. E féllo Pedro assim. E o anjo lhe disse: Põe sobre ti a tua capa, e segue-me. [9] E sahindo, o hia seguindo, e não sabia que o que se fazia por intervenção do anjo era assim na realidade: mas julgava que elle via huma visão. [10] E depois de passarem a primeira, e a segunda guarda, chegárão á porta de ferro, que guia para a cidade: a qual se lhes abrio por si mesma. E sahindo, caminharão juntos o comprimento d'huma rua: e logo depois o deixou o anjo. [11] Então Pedro entrando em si, disse: Agora he que eu conheço verdadeiramente, que mandou o Senhor o seu anjo, e me livrou da mão de Herodes, e de tudo o que esperava o povo dos Judeos.

Nota

«O evangelista São Lucas, depois de haver escrito no evangelho a vida de Jesus Cristo e de sua Mãe santíssima, escreveu também os Atos dos Apóstolos, a vida e os feitos de São Pedro e São Paulo e a história da Igreja em seus princípios.»

Reflexões

«Vendo que isto dava gosto aos judeus, resolveu prender Pedro.» O motivo principal, e muitas vezes o único da perseguição dos bons, é o impulso da paixão. Os dissolutos e os ímpios sempre têm certa maligna complacência em ver desgraçados os justos: *Opprimamus justum.* Oprimamos o justo. E por quê? Porque a pureza de seus costumes é uma eterna e penetrante censura de nossas desordens. Sua imóvel adesão à religião verdadeira está-nos continuamente repreendendo nossos descaminhos e nossos erros: fazemos vaidade, ou nos gloriamos de professar a mesma religião que ele professa; mas ele segue muito diverso caminho que nós, e a moral por onde se governa nos desespera. Isto é o que põe de tão mau humor os libertinos; isto é o que lhes irrita a cólera contra os servos de Deus. Imaginem-se no mundo pretextos e razões para persegui-los: forme-se-lhes causa e fulminem-se processos contra eles fabricados a prazer: façam-se os mais ridículos e os mais risíveis retratos de sua santa singeleza; pintem-se-lhes com as mais negras cores: sejam as mais feias, as mais vergonhosas calúnias o grande móvel do desencadeamento universal deste popular furor contra os verdadeiros fiéis: essa foi e essa será sempre a sorte da virtude: ter inimigos e invejosos. Não houve heresia que não perseguisse os filhos de Deus: por mais que procurem viver sob um céu tranquilo, sereno e despejado; por mais que façam para que os deixem em paz, fugindo aos mais solitários desertos, sempre se desencadeará contra eles o vício e a impiedade. Na cólera e no fel dos hereges e dos dissolutos se formam perpetuamente aqueles negros vapores que excitam tantas tempestades contra a Igreja. Que motivo deu São Pedro aos judeus para ser o objeto de seu ódio? Que delito cometeu para que Herodes o mandasse encerrar numa lôbrega prisão? Que achavam num homem tão milagroso e benfeitor universal de todo o mundo para fazer dele espetáculo do povo? Curou todo gênero de enfermos, ressuscitou mortos, pregou-lhes as verdades da religião, ensinou-lhes o caminho do céu, declarou-lhes o grande mistério da redenção e confirmou tudo com milagres. Os gentios, e até os mesmos bárbaros menos instruídos, sujeitam-se com rendimento à fé: recebem com respeito a luz do Evangelho, rendem-se a ela com submissão e com reconhecimento; quando os judeus, aquela nação cultivada, ilustrada e até supersticiosamente religiosa, que tantos séculos antes esperava a vinda do Messias, não pode sofrer que os apóstolos a preguem, a anunciem e lhe demonstrem o objeto de sua mesma esperança. O mesmo paradoxo, ou, por melhor dizer, o mesmo mistério de iniquidade subsiste hoje. Os virtuosos são venerados dos povos bárbaros; ao mesmo tempo que os dissolutos, que professam a mesma religião, os desprezam e os perseguem. Os pregadores do Evangelho são respeitados e ouvidos com veneração dos gentios: cada dia adianta a fé de Jesus Cristo novas conquistas na China, no Japão e no Canadá. Convertem-se muitos na Inglaterra, no Norte e na Holanda: são tolerados os judeus e todo gênero de seitas e nações; somente é desterrada daqueles países a religião católica. Que bem acredita isto só o espírito do erro, provando ao mesmo tempo a santidade da verdadeira religião!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Mateus.

Mateus 16,13-19

> **Latim:** [13] Venit autem Jesus in partes Cæsareæ Philippi : et interrogabat discipulos suos, dicens : Quem dicunt homines esse Filium hominis ? [14] At illi dixerunt : Alii Joannem Baptistam, alii autem Eliam, alii vero Jeremiam, aut unum ex prophetis. [15] Dicit illis Jesus : Vos autem, quem me esse dicitis ? [16] Respondens Simon Petrus dixit : Tu es Christus, Filius Dei vivi. [17] Respondens autem Jesus, dixit ei : Beatus es Simon Bar Jona : quia caro et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in cælis est. [18] Et ego dico tibi, quia tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam, et portæ inferi non prævalebunt adversus eam. [19] Et tibi dabo claves regni cælorum. Et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in cælis : et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in cælis.

Português: [13] E veio Jesus para as partes de Cesaréia de Filippe : e fez a seus discípulos esta pergunta, dizendo : Quem dizem os homens, que he o Filho do homem ? [14] E elles responderão : Huns dizem que João Baptista, mas outros que Elias, e outros que Jeremias, ou algum dos profetas. [15] Disse-lhes Jesus : E vós quem dizeis que sou eu ? [16] Respondendo Simão Pedro disse : Tu és o Christo, Filho de Deos vivo. [17] E respondendo Jesus, lhe disse : Bemaventurado és Simão filho de João : porque não foi a carne e sangue quem te revelou, mas sim meu Pai que está nos ceos. [18] Tambem eu te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra elle. [19] E eu te darei as chaves do reino dos ceos. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos ceos : e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado tambem nos ceos.

Meditação

Sobre a festa do dia

Primeiro ponto

Considera em toda a conduta de São Pedro o verdadeiro retrato de uma alma verdadeiramente fervorosa que ama solidamente a Jesus Cristo; sua ânsia por ver o Salvador logo que teve notícia por Santo André de sua vinda: apenas o encontrou, com que anseio, com que fervor, com que docilidade concorria a ouvi-lo! Diz-lhe Cristo que o siga, e nada o detém; nem seus parentes, nem seus amigos, nem sua mesma mulher; tudo sacrifica por seguir um bom Mestre; dedicado uma vez a seu serviço, jamais o abandonou. Buscamos nós a Cristo com igual ardor? Seguimo-lo com tão fiel, com tão pronta generosidade? Não temos muito caminho que andar para encontrar a Jesus Cristo. Ouvimos sua voz na de nossos diretores e superiores; escutamo-la nas lições do Evangelho; mas que fruto tiramos de tudo isto? Talvez há muito tempo que nos está chamando, e não pergunto já que temos deixado; pergunto se nos temos dignado de dar-lhe ouvidos ao menos. Oh, e com quantos laços nos tem presos o mundo! Em vão nos despacha Deus seus servos para que

nos convidem ao festim. *Villam emi; uxorem duxi.* Quantas frívolas escusas, quantos vãos pretextos, quantas miseráveis razões alegamos para negar-nos a seus favores, a seus grandes benefícios! E admirar-nos-emos depois de que o inferno esteja cheio de cristãos! De que seja tão curto o número dos escolhidos! E de que se contem tão poucos fiéis verdadeiros! Se se considera com atenção a conduta da maior parte dos que vivem no mundo, acharemos dificuldade em compreender o mistério da predestinação. Cotejemos nossas máximas acerca da religião e dos costumes com os grandes modelos que temos à vista, e nos admiraremos menos de que seja tão curto o número dos escolhidos.

Põe os olhos na inseparável adesão que professou São Pedro a Jesus Cristo: não o abalou o mau exemplo de tantos desertores e de tantos falsos irmãos. Embora todos os demais discípulos tivessem abandonado o Salvador, Pedro estava bem resolvido a não o abandonar jamais. «Aonde iremos (disse-lhe com fervorosa intrepidez), pois só vós tendes palavras de vida eterna?» Prognostica-lhe Cristo sua queda e apenas acerta a crê-la: tanto era o amor que de presente lhe tinha. Deus meu, que poucos servos tem Jesus Cristo hoje que lhe sejam verdadeiramente fiéis! A quantos, até dos mesmos que fazem profissão de segui-lo, lhes parece demasiadamente dura sua doutrina! A maior parte dos mundanos vivem tão prendados e tão contentes no serviço do mundo que não há que esperar que se resolvam a seguir a Cristo. E que deverei pensar eu de mim mesmo!

Segundo ponto

Considera o fervor com que São Pedro amava a Jesus Cristo; quanta era sua fé, sua caridade e sua esperança. Mal pergunta o Salvador a seus discípulos: «E vós, quem dizeis que sou?», responde Pedro por todos com admirável viveza: «Tu és Cristo, Filho de Deus vivo.» O ardente e terno amor que professava a seu Mestre se fazia visível em toda a sua conduta. Fala o Senhor de sua paixão; trata de sua cruz; e não só se sobressalta amorosamente Pedro, mas protesta com resolução que, embora toda a sua nação se empregasse em maltratá-lo, ele só se sentia com bastantes forças para livrá-lo de suas mãos. Observa bem tudo o que diz: respira amor tudo quanto faz e tudo quanto fala. Que confusão a sua quando viu Jesus Cristo ajoelhado a seus pés! Que resistência para que não lhos lavasse! Mas ameaça-o o Senhor com sua desgraça. Santo Deus, e quão prontamente acreditou com seu rendimento e com sua resposta quanto era o amor que professava a seu divino Mestre! Recorre, enfim, todas as ações, todos os passos, todas as épocas de sua admirável vida, e não acharás em todas elas senão contínuas e acesas provas deste abrasado amor. E, se recorremos as nossas, que acharemos, que testemunhos temos dado de nossa fé, que provas de nossa caridade e de nosso zelo? Deus meu! Sabemos porventura que sois vós a quem servimos? E, se cremos que servimos nada menos que a todo um Deus, poderemos estar tranquilos à vista de nossa tibieza e de nossa infidelidade? Interessam-nos muito os interesses de Deus? Quanta é nossa prontidão em obedecer-lhe! Quanto o zelo por sua glória!

Três vezes pergunta Cristo a Pedro se o ama. Com que viveza, com que ardor, com que confiança responde prontamente: «Sim, Senhor: vós sabeis bem que vos amo.» Se nos fizesse hoje esta mesma pergunta a nós, teríamos valor para responder-lhe: «Sim, Senhor; vós, a quem nada se oculta; vós, que penetrais o mais íntimo dos corações, vós sabeis bem que vos amo»? Dariam

testemunho desta verdade minhas máximas, minhas operações e toda a minha conduta? Ah, que com mais verdade e com maior razão poderia responder: Vós sabeis que amo o mundo, que amo seus deleites, que amo seus bens, que me amo a mim mesmo e que não sei amar outra coisa.

Fazei-me, Senhor, penetrar bem as funestas consequências de uma verdade que inutilmente me dissimulo e vaimente me escondo; mas acompanhai esta viva luz de uma graça eficaz que me converta, fazendo-me viver daqui em diante de maneira que possa dizer na hora de minha morte: «Bem sabeis, Senhor, que vos amei com todo o meu coração.»

Jaculatórias

> *Domine, ad quem ibimus? verba vitæ æternæ habes.* Jo 6.

A quem iremos, Senhor, pois vossas palavras são de vida eterna?

> *Domine, tu scis quia amo te.* Jo 21.

Senhor, bem sabeis que eu vos amo.

Propósitos

1. Falando com rigor, nossa vida é uma perpétua contradição entre nossa fé e nossos costumes, entre nossas obras e nossas palavras: cristãos na igreja, infiéis em todas as demais partes. Ao menos em toda a nossa conduta se representa uma comédia continuada. A nossos inferiores e em certas ocasiões falamos como uns apóstolos de Cristo; mas em particular e reservadamente vivemos como se totalmente ignorássemos as máximas do Evangelho; semelhantes àqueles falsos israelitas, em Jerusalém os mais zelosos observantes da lei, em Samaria os mais ímpios sequazes da superstição: pela manhã ao templo, pela tarde ao teatro; umas vezes devotos, outras mundanos; em umas horas recolhidos, em outras dissipados; mas em todas inimigos das máximas do Evangelho. Passa-se a vida em representar uma ridícula comédia, até que, chegando a morte na última jornada, deixa burlados os atores, cobertos de confusão, passados de dor e cheios de um inútil arrependimento. Antecipa esta desgraça, abrindo os olhos desde logo para reconhecer tua perdição: olha que tua conduta é um tecido de lastimosas contradições: fazes profissão de seguir a Cristo e em nada menos pensas que em obedecer seus preceitos. Sejas secular, sejas eclesiástico, sejas religioso, não desmintas tua religião e tua fé com teus costumes. Não é boa prova desta a indevoção e o pouco respeito com que te apresentas na igreja. Tua resistência às ordens de Deus declara bem o espírito de rebelião que te domina. Deixa desde este mesmo ponto essa ridícula

comédia que representas: reforma seriamente teus costumes e guarda-te bem de contentar-te com ler materialmente estas verdades.

2. Em qualquer estado que professes tens obrigação de fazer ofício de apóstolo. A caridade cristã nos impõe a todos uma estreita lei de ter muito dentro do coração a salvação de nossos irmãos: nada deves omitir para solicitá-la. Não se trabalha na conversão dos fiéis unicamente com os sermões: outros meios há talvez mais eficazes para promovê-la. Uma reflexão cristã feita a tempo, uma advertência, um conselho dado com discrição e com caridade, um bom exemplo, uma esmola; tudo isto pode ser fruto de um zelo apostólico. Não há pai nem mãe de família que não possa fazer muito bem dentro da sua; não há gênio tão mau que não se corrija; não há propensão tão viciosa que não se sujeite; não há inclinação tão torcida que não se endireite com a aplicação, com as instruções, com o zelo, com a brandura e com a constância. Quanto bem pode fazer numa comunidade um superior, se o anima um zelo puro, discreto, prudente e acompanhado sempre de um porte exemplar! Que imensos bens farão na corte e em seus estados os monarcas e os príncipes quando, amantes da religião, fazem que floresça neles a retidão e a justiça! Põe em prática estas reflexões.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:44 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:44 by Admin